

**‘O EXPERIMENTO DO DR. HEIDEGGER’, DE NATHANIEL HAWTHORNE, EM
UMA LEITURA DE ‘O ELIXIR DE LONGA VIDA’, DE HONORÉ DE BALZAC**

**‘DR. HEIDEGGER’S EXPERIMENT’, FROM NATHANIEL HAWTHORNE, IN A
READING OF ‘THE ELIXIR OF LONG LIFE’, FROM HONORÉ DE BALZAC**

Marli Cardoso dos Santos¹

Mestre em Letras

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP

(marli.lics@gmail.com)

RESUMO: O escritor francês Honoré de Balzac (1799-1850) retratou situações incomuns da sociedade francesa do século XIX, de modo a ressaltar a natureza humana por meio de personagens ligadas a uma espécie de busca pelo poder, com o auxílio de forças ocultas à ‘realidade’. O conto *O elixir de longa vida*, escrito em 1830, pode ser considerado uma das narrativas que mais exemplificam esse estilo insólito balzaquiano. E, como a nosso ver, existem peculiaridades desse conto com *O experimento do dr. Heidegger* de Nathaniel Hawthorne (1804-1864), faremos algumas comparações que nos ajudarão a compreender melhor o estilo de Balzac e de Hawthorne, que foram contemporâneos no século XIX, apesar de viverem em países diferentes. Nathaniel Hawthorne, um dos maiores contistas dos Estados Unidos do século XIX, possui um estilo de pureza peculiar. Os dois escritores voltaram na gênese do elixir, da fonte da juventude e, por essa razão, abordaremos as características do gênero fantástico nesses contos, percebendo a construção de um insólito ficcional ligado ao início do Realismo na Literatura.

Palavras-chave: Fantástico; Elixir; Balzac; Hawthorne

ABSTRACT: The French writer Honoré de Balzac reported unusual situations of the nineteenth-century French society to highlight human nature by characters connected to a kind of a search for power, with the help of hidden forces to ‘reality’. The tale *The Elixir of Long Life*, written in 1830, can be considered one of the narratives that exemplify this most unusual Balzacian style, and as there are remarkable peculiarities of this tale to *Dr. Heidegger’s Experiment* Nathaniel Hawthorne’s tale, we will make some comparisons that will help us to better understand the style of Balzac and Hawthorne, who were contemporaries in the nineteenth century, despite of living in different countries. Nathaniel Hawthorne, one of the greatest short story writers of the United States in the nineteenth century, has a peculiar style of purity. As Poe said (2004, p. 187), ‘His originality, both in relation to episodes as to reflection, is extraordinary. The two writers returned in the genesis of the elixir, the fountain of youth, and, for this reason, we will discuss the characteristics of the fantastic in these tales, realizing the construction of an unusual fictional connected to the beginning of Realism in Literature.

Keywords: Fantastic; Elixir; Human Behavior; Balzac; Hawthorne

Tudo o que lhe dá uma emoção tão novidadeira quanto agradável parece-lhe original, e aquele escritor capaz de lhe proporcionar isso será original.

Edgar Allan Poe

¹Doutoranda – Estudos Literários. Bolsista CAPES.

A originalidade de alguns escritores está presente, sobretudo, nos contos literários. Por ser uma narrativa curta, o conto tem a propriedade de utilizar a linguagem da forma mais fantasiosa. Para Louis Vax (1974, p. 13), “o gênero literário que melhor convém ao fantástico é seguramente a narrativa: o conto, obra teatral ou cinematográfica”; o conto, por ser de curta extensão, envolve o leitor de forma que o sobrenatural, ausente no início, reina como senhor no desenlace, uma vez que “[...] os fatos, tal como os encontramos no Conto, só podem ser concebidos no Conto. Numa palavra: pode aplicar-se o universo ao conto e não o conto ao universo” (JOLLES, 1976, p. 193).

Esse gênero literário teve pouca vigência na França no século XIX, segundo Cortázar (1999). Todavia, muitos escritores franceses compuseram essas narrativas curtas com um valor incalculável, sobretudo aquelas de viés fantástico. Se pensarmos em Guy de Maupassant, Gérard de Nerval ou mesmo Théophile Gautier, veremos que o gênero foi produzido com louvor.

Pierre-Georges Castex (1915-1995), crítico renomado da Literatura Francesa, produziu uma resenha dos principais contos fantásticos, *de Nodier à Maupassant* e, nesse estudo, Honoré de Balzac é lembrado por uma de suas obras primas: o conto *L'elixir de longue vie*. Apesar de os franceses não fazerem muita distinção entre conto e novela, temos alguns exemplos de contos longos bem construídos e, esse conto balzaquiano é o que poderíamos chamar de verdadeira narrativa fantástica. Apesar de longa, não podemos considerar essa narrativa uma novela, devido à disposição dos elementos. Além disso, o narrador é bem presente e a única personagem bem focalizada.

Cortázar estabelece uma distinção:

Para entender o caráter peculiar do conto costuma-se compará-lo com o romance, gênero muito mais popular e sobre o qual proliferam os preceitos. Afirma-se, por exemplo, que o romance se desenvolve no papel, e por isto no tempo da leitura, sem outros limites senão o esgotamento da matéria romanceada; o conto, por seu lado, parte da noção de limite, em primeiro lugar de limite físico, a ponto de passar a receber na França, quando passa de vinte páginas, o nome de *nouvelle*, gênero equilibrado entre o conto e o romance propriamente dito. (CORTÁZAR, 1999, p. 350)

Na França, essa diferença entre conto e novela a partir da extensão, pode não ser tão segura, uma vez que existem características que diferenciam de modo mais eficaz. Na novela, o narrador é menos onipresente e mais distanciado pela quantidade de protagonistas, segundo André Jolles (1976); no conto, o narrador possui mais destaque, já que ele conduz a atmosfera da narrativa e, além disso, o número de protagonistas é reduzido, geralmente não passa de um.

Neste trabalho, analisaremos o conto balzaquiano **O elixir de longa vida** que possui cerca de vinte páginas, tratando-se de um conto longo. Escrito em 1830, essa narrativa faz parte de 'Estudos Filosóficos', uma das divisões de **A comédia humana**. Os inúmeros títulos dessa coleção são voltados à reconstrução de uma história da sociedade, da cultura e da política francesas, baseadas em fatos, muitas vezes autênticos, e com nomes de personagens verídicos, entremeados pela ficção histórica do autor e pelo acaso nos fatos sociais.

E como existem algumas semelhanças desse conto com **O experimento do dr. Heidegger**, de Nathaniel Hawthorne, faremos algumas comparações que nos ajudarão a compreender melhor o estilo de Balzac e de Hawthorne, que foram contemporâneos no século XIX, apesar de viverem em países diferentes.

Balzac trouxe para a literatura uma forma diferente de ver o homem; com a exposição dos caracteres e situações da sociedade francesa, contribuiu para que o leitor da época percebesse a natureza humana através de personagens dos mais diversos tipos, muitos ligados a experiências sobrenaturais:

Car l'expérience de Balzac est liée au surnaturel ; le Mythe, ici, est moins l'expression symbolique de la vie intérieure que la confrontation de la destinée terrestre à l'horizon surnaturel. 'L'existence humaine, la nature ambiante, la société, la courbe de chaque destin, l'aventure courue par chaque esprit, tout lui paraît traversé, habité, gouverné par des influences dont il ignore si elles sont divines ou démoniaques, mais dont il sait au moins qu'elles ont un caractère surnaturel'. (PICON, 1965, p. 11)²

² Pois a experiência de Balzac está ligada ao sobrenatural; o Mito, aqui, é menos a expressão simbólica da vida interior que o confronto do destino terrestre ao horizonte sobrenatural. A existência humana, a natureza ambiente, a sociedade, a curva de cada destino, a aventura buscada por cada espírito, tudo lhe parece atravessado, habitado, governado por influências que se ignora se são divinas ou demoníacas, mas que se sabe ao menos que elas têm um caractere sobrenatural. (tradução nossa)

Já Nathaniel Hawthorne, um dos maiores contistas dos Estados Unidos do século XIX, possui um estilo de pureza peculiar, ou seja, suas narrativas são marcadas sempre por um diferencial. Como diria Poe (2004, p. 187), “Sua originalidade, tanto em relação aos episódios quanto à reflexão, é extraordinária. Esta característica por si só lhe asseguraria nosso mais caloroso respeito e louvor. Aqui, falamos principalmente dos contos. Os ensaios não são tão marcadamente originais”.

Essa originalidade de Hawthorne, com autênticas situações de ironia, faz estreitar ainda mais a relação com Balzac, pois ambos levaram para seus textos a gênese do elixir, a fonte da juventude, um grande bem buscado por vários homens desde o início dos tempos.

A água que rejuvenesce, presente no conto de Hawthorne, foi conseguida na parte sul da península da Flórida e Balzac foi um pouco mais longe, trazendo o líquido da parte oriental do mundo. Mesmo de origens diferentes, o que fica provado nas duas narrativas é que o elixir da imortalidade existe, mesmo que seus efeitos não causem o esperado.

Assim, a história balzaquiana começa em um palácio de Ferrara, na Itália, com Don Juan, não o de Molière e nem mesmo o Burlador, mas o Belvidero – rico, jovem, rodeado de cortesãs, e à espera da morte do pai. Essa ilustre personagem é um dos grandes mitos do Romantismo, só que mais cruel que o Don Juan ‘burlador’; Balzac constrói assim uma personagem que possui características bem próximas a um dos primeiros Don Juan: a busca pelo poder através da mediocridade e do egoísmo. Para Milner (1960, p. 16): « De toutes les créations du génie romantique, le Don Juan de Balzac est peut-être celle où le satanisme apparaît à l'état le plus pur »³. Essa retomada do personagem Don Juan está vinculada à tradição romântica. O próprio Balzac explica essa intertextualidade e a retomada do personagem Don Juan que é semelhante aos tipos satânicos de grandes escritores:

Ainsi ce personnage, que Balzac emprunte à une longue tradition, se trouve reconstruit selon une idée originale. Son créateur, non content de montrer son cynisme et sa cruauté, s'attarde à célébrer son génie. Ce don Juan, note le romancier, est à la fois le type 'du don Juan de

³ De todas as criações do gênio romântico, o Don Juan de Balzac é talvez aquele em que o satanismo aparece em estado mais puro.

Molière, du Faust de Goethe, du Manfred de Byron et du Melmoth de Maturin'. (CASTEX, 1962, p.197)⁴

Comparando a crueldade de Don Juan a grandes personagens da literatura, Balzac retoma a tradição explicando a origem desse caractere ilustre e ao mesmo tempo maléfico. O conto *L'elixir de longue vie*, além de ser uma espécie de retomada de *Le centenaire* é também uma volta a um conto de autoria anônima que Balzac descobre publicado em uma edição de 1805, denominado *L'elixir d'immortalité*. Desse modo, Balzac constrói primeiramente a gênese do elixir em um drama, mas só em 1829/1830 o publica como conto.

O Don Juan de Balzac é um jovem preocupado apenas com festas, bebidas e dinheiro. Sustentado pelo pai, o rapaz não se surpreende quando certa noite, um criado surge dizendo que seu pai, Bartholoméu, já com idade bem avançada, está morrendo. Bartholoméu Belvidero foi um orientalista, viajou o mundo todo e conquistou uma grande fortuna no decorrer dos anos, só que quase no fim de sua vida, aos setenta anos, resolve se casar e desse casamento nasce Don Juan, que mais prefere viver aos excessos que dar um pouco de atenção ao pai. Mas o momento de ver Bartholoméu no leito de morte se aproxima.

Há então uma descrição espacial que aumenta o clima tenso da cena. O leitor é conduzido a um espaço gótico, extremamente sombrio, um ambiente mortuário, com quartos sombrios, ar úmido, tapeçarias e armários antigos, como nos grandes castelos góticos, é nesse lugar onde encontramos o agonizante.

Chegando ao quarto, o jovem encontra um velho magro, de faces encovadas, prestes a dar o último suspiro. Para mostrar ao pai que sente algum pesar por vê-lo ali, Juan diz que se fosse possível daria uma parte da vida para salvar o pai, mas logo em seguida, pensa ironicamente sobre essa situação: “(‘Sempre podemos dizer essas coisas’, pensava o dissipador, ‘é como se eu oferecesse o mundo à minha amante’)” (BALZAC, 2004, p. 102).

E, por outro lado, podemos pensar que aquele ancião no fim da vida é semelhante às criaturas idosas do conto *O experimento do Dr. Heidegger* de Nathaniel Hawthorne – velhos melancólicos e abatidos, com ‘os pés na cova’.

⁴ Assim, essa personagem, que Balzac toma de empréstimo de uma longa tradição, é reconstruída segundo uma ideia original. Seu criador, não contente de mostrar seu cinismo e sua crueldade, demora a celebrar seu gênio. Esse don Juan, nota o romancista, é ao mesmo tempo o tipo ‘do don Juan de Molière, do Fausto de Goethe, do Manfred de Byron e do Melmoth de Maturin’.

O conto de Hawthorne possui muitas semelhanças com *O elixir de longa vida*, inclusive pela autêntica ironia dos narradores. Quando o narrador de Hawthorne fala do doutor e dos seus quatro convidados, ele os caracteriza como ‘aluados’, ou seja, como desprovidos de racionalidade. Bartholoméu Belvidero e Don Juan não ficam atrás, pois ambos carregam uma sandice nada passageira.

Outro aspecto que podemos comparar ao conto do doutor Heidegger está relacionado ao espaço, enquanto em **O elixir** encontramos tapeçaria antiga, armários velhos num quarto e num corredor sombrio, em **O experimento**, “o laboratório do dr. Heidegger devia ter sido um lugar muito curioso. Tratava-se de uma sala escura e antiquada, afestuada de teias de aranha e polvilhada de poeira antiga” (HAWTHORNE, 1977, p. 54).

E as intertextualidades não param por aí. O dr. Heidegger pretende mostrar aos seus convidados algo extraordinário: um vaso com um pouco da água retirada da fonte da juventude. E o mesmo ocorre com Don Juan em **O elixir**, já que seu pai guardou em um frasco de cristal um líquido muito raro, o elixir da imortalidade que conseguiu no oriente há muitos anos. Para Castex (1962), o velho Bartholoméu sempre quis e buscou o poder, sobretudo quando ele conseguiu riquezas preciosas no oriente, sendo uma das mais importantes aquela que o permitiu ressurgir dos mortos, o elixir. Não sabemos se o dr. Heidegger possui essa mesma vontade de poder, mas seus experimentos são também insólitos e mirabolantes, como tudo naquela casa.

No conto balzaquiano, o pai mostra a Don Juan o frasco de cristal com o líquido mágico. Esse líquido é o elemento mediador entre a vida e a morte nessa narrativa. Com os poderes do elixir, qualquer homem pode viver eternamente, estabelecendo uma espécie de pacto da imortalidade.

O narrador mostra cada pensamento de nosso herói, sobretudo quando o pai expira, angustiado por não ver no filho o socorro que procurou. Bartholoméu morre e Don Juan apenas olha para o frasco do elixir e diz: “Há bem pouca água” (p. 107). Esse pensamento do herói já é um indício que aponta para o seu caráter. Primeiro ele não dá muita atenção aos pedidos do pai, depois, mergulhado em seu egoísmo, diz que há bem pouca água no frasco; não estaria ele pensando que aquela água não seria suficiente para dois? Ou seja, se aquele líquido fosse

realmente um elixir da imortalidade, não haveria o suficiente para o velho e para Don Juan futuramente.

Esses indícios, deixados ironicamente pelo narrador dessa história, vão apontando as mazelas do herói, que passa mais de dez horas refletindo se deve ou não usar o elixir no pai. A unidade de efeito vai sendo construída nesse momento, já que há uma expectativa, não se sabe se o rapaz vai fazer o que o pai pediu e se fizer não se sabe também se aquele líquido realmente é mágico. A incredulidade de Don Juan não chega a ser tão parecida com a dos quatro pacientes do dr. Heidegger, que a todo o momento, zombam da possibilidade de naquele vaso conter realmente a fonte da juventude. Ambos os narradores envolvem o leitor para essa atmosfera de hesitação, de ambiguidades, já que não se sabe até onde pode ir os poderes do líquido mágico nos dois contos. Para Remo Ceserani, essa é uma propriedade do conto fantástico: “O conto fantástico envolve fortemente o leitor, leva-o para dentro de um mundo a ele familiar, aceitável, pacífico, para depois disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação, do medo...” (2006, p. 71).

Tiens ! Le bonhomme est fini, s'écria don Juan.
Empressé de présenter le mystérieux cristal à la lueur de la lampe, comme un buveur consulte sa bouteille à la fin d'un repas, il n'avait pas vu blanchir l'oeil de son père. Le chien béant contemplait alternativement son maître mort et l'elixir, de même que don Juan regardait tour à tour son père et la fiole. La lampe jetait des flammes ondoyantes. Le silence était profond, la viole muette. (BALZAC, 1980, p. 481) ⁵

Em **O elixir de longa vida**, a demora em realizar o procedimento já aponta o caráter maléfico da personagem, que deveria se preocupar com a morte do pai e deseja que regressasse logo à vida, mas não é isso o que acontece; Don Juan fica hesitante e prefere examinar o líquido até tomar uma decisão. A habilidade de Balzac em criar esse clima para o conto é comparável à de Hawthorne, que para Poe, “‘Dr. Heidegger’s Experiment’ é muito bem imaginado e executado com

⁵ ‘Pronto! O coitado se acabou’, exclamou don Juan. Apressado em observar no clarão da lamparina o misterioso cristal, assim como um bebedor consulta sua garrafa ao final da refeição, ele não tinha visto os olhos do pai embranquecerem. O cachorro, de boca escancarada, contemplava alternadamente seu dono e o elixir, assim como don Juan olhava ora para o pai, ora para o frasco. A lamparina soltava chamas ondulantes. O silêncio era profundo, a viola emudecera. (BALZAC, 2004, p. 108)

habilidade acima da média. O autor vive em cada uma de suas linhas” (2004, p. 197).

Sem dúvida alguma, os dois escritores sabem impressionar seus leitores, com a construção de uma atmosfera ambígua e plena de conflitos. Nesse sentido, o narrador balzaquiano descreve de tal forma a cena que o leitor passa a visualizar aquele corpo sem vida sobre a mesa, o que torna a atmosfera ainda mais tensa; o clima do conto é turvo, até o momento em que Don Juan decide fazer o que o pai lhe pediu:

[...] il semblait même que le démon lui eût soufflé ces mots qui résonnèrent dans son coeur : « Imbibe un oeil ! » Il prit un linge, et, après l’avoir parcimonieusement mouillé dans la précieuse liqueur, il le passa légèrement sur la paupière droite du cadavre. L’oeil s’ouvrit.

- Ah ! ah ! dit don Juan en pressant le flacon dans sa main comme nous serrons en rêvant la branche à laquelle nous sommes suspendus au – dessus d’un précipice. Il voyait un oeil plein de vie, un oeil d’un enfant dans une tête de mort.

[...] - Ha ! ha ! s’écria don Juan, il y a de la sorcellerie là-dedans, et il s’approcha de l’oeil pour l’écraser. Une grosse larme roula sur les joues creuses du cadavre, et tomba sur la main de Belvidéro.[...] « Pourvu qu’il n’y ait pas de sang ! » Puis rassemblant tout ce qu’il faut de courage pour être lâche, il écrasa l’oeil, en le foulant avec un linge, mais sans le regarder. (BALZAC, 1980, p. 483-484)⁶

Incitado ou não pelo demônio, o jovem usa parte do elixir no olho do pai. Quando aquele olho se abre, o que se vê é um olho de criança numa caveira e o que é ainda mais surpreendente, o que seria uma cena de horror, passa a ser também jocosa, já que quando o personagem diz em voz alta que se furasse o olho seria talvez um parricídio, o olho simplesmente pisca, de forma irônica, como se tivesse respondido positivamente a essa pergunta. A ironia de Balzac vai por esse caminho, de um horror jocoso, no qual o leitor ri e sente repulsa ao mesmo tempo.

⁶ [...] parecia até que o demônio tinha lhe soprado essas palavras que ecoaram em seu coração: “Embebe um olho!”. Pegou um pano, e, depois de molhá-lo no precioso licor, passou-o levemente sobre a pálpebra direita do cadáver. O olho se abriu.

“Ah!, ah!”, disse don Juan apertando o frasco na mão, assim como em sonho apertamos o galho a que estamos suspensos no alto de um precipício.

Ele via um olho cheio de vida, um olho de criança numa caveira;

[...] “Ah!, ah”, exclamou don Juan, “aí dentro tem feitiçaria”. E aproximou-se do olho para esmagá-lo. Uma grossa lágrima rolou pelas faces encovadas do cadáver e caiu na mão de Belvidero.

[...] “Tomara que não haja sangue!”

Em seguida, reunindo toda a coragem necessária para ser covarde, esmagou o olho, apertando-o com um pano, mas sem olhá-lo. (BALZAC, 2004, p. 110-111)

Quando o olho é esmagado, não há mais volta, a crueldade de Don Juan é manifestada nesse momento. A personagem é dominada pelo mal e analisando melhor o ato de Belvidero, percebemos a sensação de horror dessa cena, primeiramente por ver o olho se mexer em um corpo sem vida e, depois, por ver essa parte viva, que parece ser independente, ser triturada por um filho ganancioso e egoísta. O sobrenatural aparece nesse momento; Louis Vax (1974), afirma que as partes separadas do corpo representam motivos fantásticos, nesse caso, podemos dizer que o elixir e seu efeito são elementos sobrenaturais no conto, misturados a um sentimento de horror pela cena descrita.

Os contos de fadas geralmente apresentam objetos mágicos, que fazem a mediação para a magia do conto. Na narrativa balzaquiana, o elixir corresponde a esse objeto mágico, a um elemento mediador entre o real e o sobrenatural. Se nesse conto o elixir não tivesse o poder esperado por Bartholoméu, as peripécias do texto terminariam ali, mas não é isso o que ocorre, pois os efeitos desse bálsamo milagroso estendem-se, não no pai, que foi privado, mas no filho, depois de um longo tempo.

O jovem rapaz manda fazer uma estátua bem pesada do pai para colocar sobre o túmulo, talvez com receio de que ele possa voltar a viver. Essa possibilidade não ocorre, mas todos os cuidados são necessários nesse enredo insólito em que tudo pode acontecer.

Já no conto de Hawthorne, os idosos iludidos pelo poder daquele líquido precioso, vão rejuvenescendo cada vez mais, sem medo das possíveis consequências. O que difere do conto de Balzac é que eles não precisaram morrer para provar o líquido, a água da fonte da juventude pode ser usada por vontade própria, sem o auxílio de outra pessoa. Foi essa a desgraça de Bartholoméu, que precisou do filho para voltar à vida.

Desse modo, como em *Os elixires do diabo*, de Hoffmann, “c’est au sein d’une famille, de père à fils, qui va jouer le drame de la concurrence vitale” (MILNER, 1960, p. 14)⁷, ou seja, há uma hereditariedade na utilização do elixir. E para que o cuidado do filho seja bem maior no momento de ungir seu corpo, Don Juan educa Philippe com virtudes cristãs, além de investir em rendas vitalícias, no

⁷ “É no seio de uma família, de pai para filho, que se encena o drama da concorrência vital”

intuito de que sua família queira que ele viva cada vez mais. Nesse caso, Balzac também crítica as leis, a sociedade e o capitalismo, por meio de um conto cercado de elementos sobrenaturais, em que o mais importante é a moral estritamente humana do conto (RONAI, 1993).

Essa busca pela eternidade é característica marcante no Romantismo, como afirmou Poe (2004); os românticos viviam em uma ‘procura frenética da juventude’, mesmo que por meio da morte, que eternizaria as faces dos jovens, rodeados pelo ‘Mal du siècle’. Todavia, com os poderes do elixir, Don Juan não precisou se preocupar com a morte, moda naquela época, pelo contrário, com o uso desse líquido precioso, Juan teria em suas mãos a eterna juventude, já que o poder e o desejo de se tornar imortal nunca abandona o pensamento deste ‘herói’ balzaquiano, o que faz com que ele preserve muito bem o líquido e ainda, o faz tomar todos os cuidados para que não lhe ocorra o mesmo que aconteceu ao pai.

Aussitôt que j’aurai fermé les yeux, reprit don Juan, dans quelques minutes peut-être, tu prendras mon corps, tout chaud même, et tu l’étendras sur une table au milieu de cette chambre. Puis tu éteindras cette lampe ; la lueur des étoiles doit te suffire. Tu me dépouilleras de mes vêtements ; et pendant que tu réciteras des Pater et des Ave en élevant ton âme à Dieu, tu auras soin d’humecter avec cette eau sainte, mes yeux, mes lèvres, toute la tête d’abord, puis successivement les membres et le corps ; mais, mon cher fils, la puissance de Dieu est si grande, qu’il ne faudra t’étonner de rien ! (BALZAC, 1980, p. 491)⁸

Don Juan quer reviver para mostrar ao mundo que tem poder e não pelo amor à família, pois ele deseja apenas a eterna juventude. Assim, quando suspira pela última vez, o narrador aponta a face irônica do protagonista, banhada pelas lágrimas verdadeiras do filho, que naquele momento resolve cumprir a promessa que fez ao pai.

Le jeune homme imbibait un linge dans la liqueur, et, plongé dans la prière, il oignit fidèlement cette tête sacrée au milieu d’un profond

⁸ “Assim que eu fechar os olhos”, retomou don Juan, “daqui a alguns minutos, talvez, pegará o meu corpo, quente ainda, e o estenderá sobre uma mesa no meio deste quarto. Depois apagará esta lamparina; a luz das estrelas deve bastar. Tu me despojarás de minhas roupas; e, enquanto recitares os Pater e as Ave elevando a tua alma a Deus, terás o cuidado de umedecer, com esta água santa, meus olhos, meus lábios, toda a cabeça primeiro, depois sucessivamente os membros e o corpo; mas meu querido filho, o poder de Deus é tão grande que nada deverá te espantar!” (BALZAC, 2004, p. 117)

silence. Il entendait bien des frémissements indescriptibles, mais il les attribuait aux jeux de la brise dans les cimes des arbres. Quand il eut mouillé le bras droit, il se sentit fortement étreindre le cou par un bras jeune et vigoureux, le bras de son père ! Il jeta un cri déchirant, et laissa tomber la fiole qui se cassa. (BALZAC, 1980, p. 491-492)⁹

Devido ao susto de Philippe com o abraço do pai, o frasco com o elixir se quebra, acabando de vez com a possibilidade da imortalidade. A impaciência da personagem faz com que seja prejudicada, pois se esperasse um pouco mais, teria a chance de ressuscitar dos mortos. E no conto de Hawthorne, a ilusão da juventude também contagia de tal forma os quatro anciãos que eles se divertem como se fossem crianças, com danças e muita exaltação, o que acaba na destruição do vaso que continha a água preciosa:

Mas eram todos jovens – assim o provavam suas paixões ardentes. Inflamados até a loucura pela garridice da viúva moça, que não lhes concedia nem negava os seus favores, os três rivais começaram a trocar olhares insultuosos. Sem largar o belo prêmio, agarravam-se ferozmente aos pescoços uns dos outros, e enquanto lutavam daqui para acolá, a mesa revirou, e o vaso partiu-se em mil pedaços. A preciosa água da juventude escorreu num fio brilhante pelo assoalho, umedecendo as asas de uma borboleta que, envelhecendo com o declinar do verão, ali pousara para morrer. O inseto esvoaçou ligeiro pelo aposento e foi pousar na nívea cabeça do dr. Heidegger. (HAWTHORNE, 1977, p. 62)

A imprudência daqueles velhos fez com que o líquido mágico se perdesse e apenas uma simples borboleta pôde desfrutar do restante daquela água poderosa. Não ocorreu o mesmo com Don Juan, pois o líquido evaporou totalmente e ninguém mais pôde usufruir do elixir de longa vida. Balzac mostra como a natureza humana pode ser imprevisível; de um lado a impaciência, de outro o medo do filho com o gesto do pai e, assim, apenas duas partes do corpo de D. Juan se movimentam, a cabeça e o braço, o que faz com que as pessoas pensem em um milagre, mas que apontam motivos fantásticos para o conto.

⁹ [...] O jovem embebeu o pano no licor e, mergulhado na prece, ungiu aquela cabeça sagrada, em meio a um profundo silêncio. Bem que ouvia uns estremecimentos indescritíveis, mas os atribuía aos balanços da brisa nas copas das árvores. Quando molhou o braço direito, sentiu seu pescoço fortemente apertado por um braço jovem e vigoroso, o braço de seu pai. Soltou um grito lancinante e deixou cair o frasco, que se quebrou. O licor evaporou. (BALZAC, 2004, p. 117)

D. Elvire, devota e cristã, resolve chamar o abade para canonizar o marido, antes um tipo extremamente cruel, que por ironia, pode se tornar um bem-aventurado da Igreja.

Todavia, as palavras do Santo não correspondem bem ao que diria um Santo:

– Allez à tous les diables, bêtes brutes que vous êtes ! Dieu, Dieu ! Carajos demonios, animaux, êtes-vous stupides avec votre Dieu-vieillard !
[...] – Vous insultez la majesté de l'enfer ! (BALZAC, 1980, p. 494-495)¹⁰

A personagem é extremamente irônica em sua atitude final, zombando da sua condição, assim como fez em toda a vida. Somente um braço e a cabeça se movimentam, como um fantoche; e como “Nos contos nos deparamos com acontecimentos injustos”, segundo Jolles (1976, p.201), ninguém esperava a atitude final do ‘santo’ que com um salto, desprende a cabeça do corpo sem vida, para abocanhar o crânio do abade:

Alors cette tête vivante se détacha violemment du corps qui ne vivait plus et tomba sur le crâne jaune de l'officiant. [...]
« Imbécile, dis donc qu'il y a un Dieu? » cria la voix au moment où l'abbé, mordu dans la cervelle, allait expirer. (BALZAC, 1980, p. 495)¹¹

Nesse conto fantástico, vemos a impossibilidade de conquista da imortalidade, o elixir de longa vida não beneficia ninguém, pelo contrário, Balzac mostra de forma irônica que todos os atos de Don Juan cercados por sua maldade, só podiam acabar dessa forma. Nem o pai, nem o filho conseguem a tão desejada imortalidade, ambos sucumbem em meio ao seu próprio egoísmo e ambição.

Em **Dr. Heidegger**, a frustração dos idosos em voltar à forma normal, mostra a mediocridade do ser humano. Aqueles pobres velhos resolvem ir em busca da fonte da juventude, para tomar várias taças da água por dia, e, assim, com esse sacrifício, manter a forma jovem por muito tempo.

¹⁰ “Vão todos ao diabo, bestas, brutos que sois! Deus! Deus! Carajos demonios, animais, como sois estúpidos com vosso Deus-ancião!” [...] “Insultais a majestade do inferno!” (BALZAC, 2004, p. 120)

¹¹ Então aquela cabeça viva se separou violentamente do corpo que já não vivia e caiu sobre o crânio amarelo do oficiante. [...]

“Imbecil, pois sim que existe um Deus!”, gritou a voz no momento em que o abade, mordido no crânio, expirava. (BALZAC, 2004, p. 120)

Em ambos os contos vemos a efemeridade da juventude, que nenhuma fonte da juventude e nem mesmo o elixir da imortalidade puderam manter. Os personagens dessas narrativas sucumbem em meio à ilusão e à mediocridade. Nas duas narrativas vemos a construção de um insólito ficcional ligado ao início do Realismo na Literatura, que além de possuir o social como pano de fundo, também traz o fantástico como meio questionador da sociedade. Ou seja, nessa aparente contradição, insólito-realista, encontramos uma crítica ao comportamento humano e ao real em sua complexidade.

Enfim, os contos de Balzac e de Hawthorne atraem o leitor para o insólito, de modo a permitir que em uma articulação sobrenatural, os defeitos do ser humano sejam levados para a superfície.

Referências

BALZAC, H. de. L'elixir de longue vie. In : _____ **La comédie Humaine**. Paris: Gallimard, 1980. p. 473-495

_____. O elixir de longa vida. In: _____ CALVINO, Ítalo (organização). **Contos fantásticos do século XIX**: O fantástico visionário e o fantástico cotidiano. Tradução de Luiz A. de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (conto traduzido por Rosa Freire D'Aguiar)

CASTEX, P. G. **Le conte fantastique en France de Nodier à Maupassant**. Paris : Librairie José Corti, 1962.

CESERANI, R. **O fantástico**. Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Editora UFPR, 2006.

CORTÁZAR, J. Alguns Aspectos do conto. In: _____ **Obra crítica 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 347-363.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995.

HAWTHORNE, N. O experimento do dr. Heidegger. In: _____ **Os melhores contos de Nathaniel Hawthorne**. São Paulo: Círculo do livro, 1977.

JOLLES, André. O conto. In: _____ **Formas simples**. São Paulo: Cultrix, 1976.

MILNER, M. **Le diable dans la littérature française de Cazotte à Baudelaire (1772-1861)**. Tome I e II. Paris : Librairie José Corti, 1960.

PICON, G. Préface. In: _____ BÉGUIN, A. **Balzac lu et relu**. Langages. La Baconnière – Neuchatel. Paris : Editions du Seuil, 1965.

POE, E. A. Segunda resenha de Edgar Allan Poe sobre Twice-told Tales, de Nathaniel Hawthorne. In: _____ KIEFER, C. **A poética do conto**. Porto Alegre: Editora Nova Prova, 2004. p. 189-199.

RÓNAI, P. **Balzac e a comédia humana**. 3. ed. São Paulo: Editora Globo, 1993.

VAX, L. **A arte e a literatura fantásticas**. Tradução de João Costa. Lisboa: Arcádia, 1974.